

O popular e a leitura radiofônica: um estudo de recepção entre jovens camponeses

Veneza Mayora Ronsini¹
Alexania Rossato²

O texto tem o objetivo de compreender como a identidade dos jovens participantes do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) é constituída através do processo de recepção do rádio. Nós exploramos as interpretações do receptor em relação ao discurso do rádio com base nas categorias de mediação da cotidianidade e do movimento social, inspirados nos Estudos Latino-Americanos de Recepção e na abordagem etnográfica. Em sentido amplo, está em questão o processo hegemônico: o movimento social define seus interesses contra as emissoras de rádio e as empresas envolvidas na construção da Usina Hidrelétrica Barra Grande.

Palavras-chave: recepção radiofônica, juventude, movimentos sociais.

The popular and the radio “reading”: a study of reception between young peasants. This text aims at understanding how the identity of young participants of the *Movimento dos Atingidos por Barragens* (MAB) is constituted through the process of radio reception. The receptors interpretations of radio are explored based on the mediation categories of social movement and every-day life, inspired by Reception Latinoamerican Studies and ethnographic approach. In a broader sense, the hegemonic process is at stake: the social movement defends its interests against the radio stations and the companies involved in the construction of *Barra Grande* Hydroelectric Dam.

Key words: radio reception, youth, social movements.

El texto tiene el objetivo de comprender como la indentidad de los jóvenes participantes del Movimiento dos Atingidos por Barragens (MAB) es constituida a través del proceso de recepción de radio. Nosotros exploramos las interpretaciones del receptor en relación al discurso de radio con base las categorías de mediación de la cotidianidad y del movimiento social, inspirados en Estudios Latinoamericanos de Recepción y en la abordaje etnográfico. En un sentido amplio, lo que está en cuestión es el proceso hegemónico: el movimiento social define sus intereses contra las emisoras de radio y las empresas que desarrollan la construcción de la Hidroeléctrica Barra Grande.

Palabras clave: recepción de radio, juventud, movimientos sociales.

¹ Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática – UFSM/RS, Pesquisadora do CNPq. E-mail: roma5@terra.com.br.

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática – UFSM/RS. E-mail: alexania.rossato@terra.com.br.

Introdução

Uma das questões que se colocam no mundo pós-moderno é o esvaziamento do conceito de classe social. Apesar de ser uma categoria pouco utilizada nos estudos contemporâneos, sua pertinência nos estudos culturais é clara: o conceito de classe retoma a preocupação política dos pais fundadores dos estudos culturais ingleses. Além disso, “a luta de classe, em grande parte do terceiro mundo, continua e até se intensifica, mas toma forma e se expressa por meio de muitos movimentos sociais, e estas organizações são, principalmente, de classes populares” (Frank e Fuentes, 1989, p. 21).

Para tanto, o objetivo desta investigação é pontuar algumas idéias acerca da recepção radiofônica pelas classes populares e da disputa pela hegemonia num cenário permeado pelos meios de comunicação e marcado pelo poder da organização popular, advindo de um movimento social, e pelo poder econômico, advindo de empresas construtoras de uma usina hidrelétrica.

Procuramos compreender, no processo de recepção radiofônica, como se constitui a identidade de jovens camponeses através das mediações, ou seja, através das duas categorias selecionadas para a análise dos dados empíricos, a cotidianidade e o movimento social. Considera-se que ambas as categorias são atravessadas pelo conceito de classe social, que, por sua vez, no plano teórico e empírico, funciona como elemento estruturante das práticas de consumo e de recepção, da produção cultural dos jovens investigados, bem como da produção de sentidos daí decorrente.

Os jovens integrantes do Movimento dos Atingidos por Barragens³ não aceitaram passivamente as empresas que construíram uma usina hidrelétrica⁴ e se organizaram politicamente, isso numa sociedade onde o espírito coletivo perde força a cada dia e as pessoas se tornam cada vez mais individualistas. Contrários a esta tendência do mundo contemporâneo, os jovens desta pesquisa são dotados de uma consciência de classe por entendermos que a consciência de classe é a definição que o ator possui do lugar ocupado na sociedade e a percepção da estrutura social como uma divisão entre exploradores e explorados (Ronsini, 2007).

Essa percepção da estrutura social se manifesta mediante sentimentos de discriminação, injustiça,

subordinação e hostilidade, e, neste estudo, na luta política baseada em uma identidade de projeto que “utiliza materiais culturais capazes de definir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, buscam a transformação de toda a estrutura social” (Castells, 1999, p. 24), resistindo à sociedade capitalista e propondo projetos concretos para a melhoria das condições de vida dos indivíduos engajados e para criação de uma sociedade justa e amparada na melhor distribuição da renda.

Além da classe social, a segunda mediação de nível estrutural das práticas de consumo e de recepção é a cultura, definida como “a produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social” (García Canclini, 1983, p. 29). Ou seja, a cultura é o terreno onde os significados midiáticos se negociam e onde adquirem algum sentido para audiências específicas a partir de determinadas mediações (Orozco Gómez, 1991, p. 31). Portanto, a origem camponesa e o envolvimento com um movimento social são chaves para compreendermos como os jovens se apropriam do conteúdo do rádio, aceitando-o, negando-o ou negociando com ele.

Dessa forma, dialogamos com Martín-Barbero, que busca na cultura o lugar estratégico para pensar os processos de comunicação. O desenvolvimento de sua teoria das mediações sociais implicou, conforme explicita Fábio López de la Roche (1999, p. 150),

uma sociologia dos processos comunicativos particularmente atenta aos contextos socioculturais e subculturais específicos nos quais se produz a recepção e os usos sociais dos bens simbólicos e das mensagens dos meios de comunicação massivos, às práticas sociais, aos movimentos populares e à experiência cultural dos distintos segmentos da população.

A cultura popular como espaço em disputa

Martín-Barbero aplica à realidade latino-americana os fundamentos do *Centre for Contemporary Cultural Studies*

³ O Movimento dos Atingidos por Barragens é um movimento social contemporâneo, tem abrangência nacional e é uma organização de camponeses atingidos por construções de usinas hidrelétricas e barragens para captação de água. Em alguns momentos, usaremos a sigla MAB ou apenas Movimento para designar o Movimento dos Atingidos por Barragens.

⁴ Usina Hidrelétrica Barra Grande, construída na bacia do rio Uruguai, na divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina.

(CCCS) de Birmingham e, mesmo sob um outro contexto histórico, resgata a preocupação com as classes populares que os teóricos ingleses manifestaram. Lá, o precursor dos estudos sobre as classes populares e a mídia foi Richard Hoggart, observando o operariado inglês no início do século XX. Seu foco de atenção recai sobre materiais culturais, antes desprezados, da cultura popular e dos meios de comunicação de massa. Segundo Escosteguy (2001, p. 22), “este trabalho inaugura o olhar de que no âmbito popular não existe apenas submissão, mas também resistência frente a mecanismos de controle e reprodução da sociedade”, e, por extensão, frente aos meios de comunicação.

Portanto, foi a incorporação do pensamento de Antônio Gramsci nos estudos culturais que permitiu vislumbrar um movimento mais dinâmico e complexo na sociedade, admitindo tanto a reprodução do sistema de dominação quanto a resistência a esse mesmo sistema (Escosteguy, 2001). A novidade gramsciana nos estudos culturais consiste em considerar que o conceito de hegemonia inclui o conceito de ideologia e o de cultura. Todavia, afirma Chauí, o conceito de hegemonia

ultrapassa o de cultura porque indaga as relações de poder e alcança a origem do fenômeno da obediência e da subordinação, e ultrapassa o conceito de ideologia porque envolve todo o processo social vivo percebendo-o como práxis, isto é, as representações, as normas e os valores são práticas sociais e se organizam como e através de práticas sociais dominantes e determinadas (Chauí, 1987, p. 21).

Em se tratando da recepção dos produtos radiofônicos pelos integrantes do MAB⁵, a contra-hegemonia exercida pelo Movimento é uma força constante e presente que tensiona as relações de poder. Partimos do princípio de que os integrantes do Movimento dos Atingidos por Barragens trazem consigo traços da classe subalterna, que se revelam pela situação de carência de bens materiais, pelas suas dificuldades de transporte e de comunicação, pelo modo de vida das pessoas e pela cultura popular. A cultura dos jovens agrega aspectos da cotidianidade da classe popular – a cognição entre família e trabalho, as relações de solidariedade com os vizinhos, as práticas religiosas –, mesclando-os com a incorporação dos produtos da mídia⁶.

No entanto, com a elucidação de Chauí, não tentaremos abordar a cultura popular como uma outra cultura ao lado da cultura dominante, mas como algo que se efetua por dentro dessa mesma cultura, ainda que para resistir a ela (1987, p. 24). Além disso, temos consciência de que não existe um estrato autêntico, autônomo, genuíno e isolado de cultura da classe trabalhadora, mas um hibridismo do popular-memória com o popular-massivo, conceitos trazidos por Martín-Barbero. Para ele, o popular só tem sentido se for pensado na relação conflitiva com o massivo, já que o massivo é mediação histórica do popular como sua negação e, ainda, porque em todas as práticas do popular-memória encontram-se sinais de identidade, através das quais se faz visível um discurso de resistência ao discurso burguês (Martín-Barbero, 2002, p. 119-120).

Pela prática etnográfica, pudemos vivenciar momentos em que este hibridismo acontece no cotidiano dos camponeses. Quanto aos locais de recepção, o ambiente da casa reservado à televisão, ao aparelho de som e ao aparelho que capta o sinal da antena parabólica, por exemplo, presente na maioria das residências, é um ambiente quase “sagrado”. Localizados junto aos demais objetos de valor simbólico como a Bíblia, imagens de santos e fotografias de familiares, e ornamentado com flores e guardanapos, estes aparelhos têm um lugar de destaque, e o ambiente não é acessível aos membros da família a qualquer hora do dia, mas somente pela manhã, antes de saírem de casa, e à noite, quando as pessoas sentam novamente para assistir televisão, quando já estão “limpas” do trabalho do dia. Ou seja, assim como na igreja as pessoas só se apresentam em condições distintas das condições de trabalho, a mesma situação aparece com relação ao momento do consumo televisivo; existe, portanto, o momento ideal e uma preparação para a recepção.

A relação com o rádio já não é a mesma. Além do aparelho mais sofisticado, adquirido pela família em função da insistência dos filhos mais jovens, e que permanece junto à televisão no ambiente especial da casa, existe um aparelho de rádio mais simples que acompanha as famílias no dia-a-dia do trabalho. Percebemos que é comum para os mais velhos ouvir rádio junto ao galpão, onde permanecem por mais tempo no serviço com o gado e outros afazeres, e quando os homens saem para o trabalho na lavoura, colocam o rádio no bolso da camisa. Quanto aos jovens, mesmo que digam que ouvem notícias, o uso do rádio para eles é principalmente para o consumo de música⁷, o que acontece também pelo celular,

⁵ Pelo fato de não ser institucionalizado, o MAB não é considerado uma instituição, mas uma organização. No entanto, para fins de aplicação do conceito, são sinônimos.

⁶ Na pesquisa de campo, presenciamos, por exemplo, reuniões para cantar e tocar músicas de “raiz” (sertanejas e gauchescas).

⁷ O gosto pela música é diverso, mas a preferência é para músicas de bandinha, sertanejas e gauchescas.

através dos modelos mais modernos e cobiçados. Ou seja, a cultura oral, típica de comunidades rurais, agora é midiaticizada pelo rádio ou pelo celular.

Mesmo que exista esta relação íntima com os meios de comunicação, as pessoas mais velhas e também os jovens não deixam de preservar e resgatar valores e relações que estão na memória popular, como as músicas e outras práticas sociais e culturais vivenciadas no cotidiano. Dessa forma concordamos que

O essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a “cultura popular” em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante. Trata-se de uma concepção de cultura que se polariza em torno dessa dialética cultural. Considera o domínio das formas e atividades culturais como um campo sempre variável. Em seguida atenta para as relações que continuamente estruturam este campo em formações dominantes e subordinadas. Observa o processo pelo qual essas relações de domínio e subordinação são articuladas. Trata-as como um processo: o processo pelo qual algumas coisas são ativamente preferidas para que outras possam ser destronadas (Hall, 2003, p. 257-258).

Portanto, esta é a dialética da luta cultural, e o principal foco de atenção é a relação entre a cultura e as questões de hegemonia, o que implica pensar o popular em termos de relações entre classes, pois “a cultura popular é um dos espaços onde ocorre a luta a favor ou contra uma cultura dos poderosos [...]. É a arena do consentimento e da resistência. É parcialmente onde a hegemonia surge e onde ela é assegurada” (Hall in Escosteguy, 2001, p. 116). No entanto, apesar do termo popular guardar relações complexas com o termo classe, eles não são absolutamente intercambiáveis, pois não existe uma relação direta entre uma classe e uma forma ou prática cultural particular.

A relação mais próxima que identificamos entre a cultura e classe popular, numa tentativa da classe resguardar a cultura, é a que ocorre em torno da contradição entre as forças populares (famílias organizadas no MAB) versus o bloco hegemônico de poder (Consórcio Baesa⁸ e as emissoras locais de rádio). Ou seja, compreendendo que a cultura popular é fruto da luta pela hegemonia, numa arena

onde ela é disputada, vencida, perdida, resistida pelas forças sociais, o Movimento dos Atingidos por Barragens funciona como um elemento contra-hegemônico no âmbito político, social, econômico e cultural.

Como organização que aglutinou cerca de 1500 famílias que tiveram suas terras ou locais de trabalho inundados pela água que constituiu o lago da barragem, o MAB se tornou o principal instrumento de contestação ao tratamento dado pelo Consórcio Baesa às famílias e de reivindicação dos direitos sociais e culturais. A identificação como *atingidos pela barragem* foi o principal fator que levou as famílias a participarem do Movimento, pois visualizaram nesta organização uma possibilidade de recuperarem suas terras e continuarem sendo camponeses. Assim, a subalternidade está historicamente diferenciada, por um lado, como condição socioeconômica e, por outro, como consciência de classe.

A disputa política e cultural entre o MAB e o Consórcio Baesa é presente quando o Movimento identifica nestas empresas representantes do imperialismo econômico que se instalaram naquela região a fim de explorar as riquezas naturais para o acúmulo de capital com a geração e venda de energia elétrica. Com a lógica globalitária, há mais do que globalização, há “globalitarismo”, disse Milton Santos (2001) ao se referir às grandes empresas, nacionais ou estrangeiras, que no nosso território estabelecem uma ordem que traz desordem, inclusive para a cultura e a identidade do povo que, segundo as lideranças do movimento estudado, literalmente, “foi água abaixo”, mas que aos poucos está sendo recuperada com a construção de reassentamentos garantidos pela mobilização popular.

Por outro lado, o consórcio Baesa implanta políticas compensatórias através de projetos de assistência social, como oficinas de artesanato⁹, e do levantamento do patrimônio histórico e cultural da região, com a produção de livros e vídeos documentários. Dessa forma,

o valor do popular reside em sua representatividade sociocultural, em sua capacidade de materializar e de expressar o modo de viver e pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica e o integram e fundem com o que

⁸ O Consórcio Baesa é formado por um conjunto de empresas, de capital nacional e estrangeiro, acionistas da Usina Hidrelétrica Barra Grande.

⁹ O artesanato é uma prática cultural comum entre as famílias da região, que, além de trabalharem com a palha do milho na produção de cestas e chapéus, usam a lã de ovelha para a confecção de roupas, cobertores e tapetes.

vem de sua memória histórica (Martín-Barbero, 1987, p. 85).

No caso em estudo, a teoria da hegemonia não elimina a prioridade dos conflitos sociais, mas identifica os mediadores do processo de negociação política como sendo a posição de classe e a cultura. Neste conflito, as articulações de espaços ocupadas por “movimentos sociais revigoram a importância de uma sociedade civil, criam novos interlocutores criando padrões de atores tanto quanto de conteúdos que podem ultrapassar uma hegemonia, no caso, determinada apenas pelo mercado” (Sousa, 1995).

A recepção radiofônica pelo viés das mediações

Os estudos de recepção são recentes, foi na América Latina dos anos 80, num terreno fértil de redemocratização da maioria dos países e na ação dos movimentos sociais que levaram adiante lutas contra a repressão e a discriminação (Escosteguy, 2001, p. 45) que os primeiros estudos iniciaram, partindo do princípio de que a comunicação assume o sentido das práticas sociais onde o receptor é considerado produtor de sentidos, e o cotidiano, espaço primordial da pesquisa.

Martín-Barbero é quem mais explicitou a importância das organizações sociais nessa configuração. Ele diz que os deslocamentos com os quais se buscará refazer conceitual e metodologicamente o campo da comunicação virão do âmbito dos movimentos e das novas dinâmicas sociais, abrindo, dessa forma, a investigação para as transformações da experiência social (2002, p. 18). Afirma ainda que esta nova frente trata dos processos culturais enquanto articuladores das práticas comunicativas com os movimentos sociais, que “introduzem novos sentidos do social e novos usos sociais dos meios de comunicação” (2002, p. 226).

Frente a este panorama aproximamo-nos da proposta metodológica do autor, o uso social dos meios, que é

empregada para entender a relação entre receptores e meios, que parte do estudo das articulações entre as práticas de comunicação e os movimentos sociais, observando as diferentes temporalidades e as pluralidades de matizes culturais, constituindo-se, portanto, num possível desenvolvimento de sua formulação maior, a perspectiva das mediações (Escosteguy e Jacks, 2005, p. 65).

Ao contrário de Chauí (2006, p. 28), para a qual “os produtos da indústria cultural buscam meios para ser alegremente consumidos em estado de distração” e que, através deles, além do controle sobre o trabalho, a classe dominante passou a controlar também o descanso, pois ambos são mercadorias”, Martín-Barbero entende que a apropriação da mensagem midiática pelo receptor não acontece em uma consciência que absorve a ideologia dominante por completo. Para ele, entre a produção e a recepção da mensagem existem as mediações, que são os lugares dos quais se originam as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da mídia:

as mediações produzem e reproduzem os significados sociais, sendo o locus que possibilita compreender as interações entre a produção e a recepção. As mediações estruturam, organizam e reorganizam a percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade. Por essa razão, a atenção concentra-se nos movimentos, nas dinâmicas e daí que a pesquisa sobre os usos nos obriga, então, a deslocar-nos do espaço dos meios ao lugar em que se produz sentido (Martín-Barbero in Escosteguy e Jacks, 2005, p. 67)

Entramos em sintonia com esta proposta e encontramos respaldo para a pesquisa buscando no movimento social e na cotidianidade o espaço para compreender a dimensão da cultura e para enquadrá-los como categorias empíricas, mediadoras da recepção. Para tanto, a cotidianidade é compreendida como sendo a organização espacial e temporal do cotidiano, onde a maior ou menor autonomia dos agentes define maior ou menor poder político (Ronsini, 2002).

Como o foco do estudo recai sobre a recepção radiofônica por jovens, partimos do pressuposto de que a juventude envolvida com movimentos sociais tem uma leitura mais crítica da mídia com relação à juventude que não se envolve com essas organizações. Apoiamo-nos na constatação de Lopes sobre a importância do critério de classe social na análise ideológica das mensagens de massa. “[...] Este critério é extratextual e se funda na diferenciação social: são as condições de recepção, que correspondem a uma situação empírica de classe, que conferem um caráter diferencial aos discursos” (Lopes, 1988, p. 57).

Contudo, o pertencimento de classe não garante um padrão hegemônico de leitura, pois outros fatores incidem no processo de recepção. Pelas modalidades de decodificação apontadas por Stuart Hall (2003), além da leitura de oposição, nas análises é perceptível também a

leitura hegemônico-dominante e a leitura negociada do conteúdo radiofônico, o que revela a presença do hibridismo cultural: de um lado, uma cultura juvenil camponesa que já não é a mesma, cada vez mais se assemelha à cultura juvenil urbana, com identidades que tendem a se organizarem de acordo com o molde urbano-ocidental que foi vinculado à juventude do mundo inteiro pelo consumo do fluxo midiático; e, por outro, esta mesma juventude é militante e deseja uma sociedade diferente, centrada na justiça social, na distribuição da renda e da terra.

Entendemos que a tendência ao engajamento é resultado da formação que o Movimento dos Atingidos por Barragens lhes proporciona através do estudo formal e informal, o que provoca a tomada de consciência da subalternidade na sociedade capitalista. Podemos citar duas conseqüências imediatas dessa formação: uma delas é a não aceitação das mensagens radiofônicas, que denigrem o Movimento do qual fazem parte, a outra é a luta contra empresas privadas que lhes tiraram o meio de produção e o sustento de suas famílias.

É na cotidianidade, repleta de tensões, que acontece a interpelação fundamental para a tomada de posturas e, conseqüentemente, para a conduta de cada um dos jovens frente às situações geradas pelo fato de *ser atingido*¹⁰ por uma barragem. Neste sentido, Jacks (1999) afirma que o indivíduo, mergulhado em seu cotidiano, está também em sua cultura, portanto, está atravessado por todas as práticas, imagens, valores e símbolos que a constituem.

Na cotidianidade familiar é que se explicitam os conflitos entre pais e filhos ou se fortalecem as afinidades entre eles, ambos refletidos na visão de mundo e na atuação cotidiana dos jovens. A ligação que todos têm com a terra é fruto do trabalho familiar, pois as famílias têm origem rural e dependem da agricultura para sobreviver. Toda a produção é baseada na subsistência, e nisto está a base para a identidade de camponês. O modo de vida e de trabalho se reflete na leitura de oposição frente ao conteúdo radiofônico que destaca positivamente o Consórcio Baesa, responsável por ameaçar sua condição de agricultor.

No que se refere à religiosidade, é no ambiente familiar que percebemos um traço significativo da relação do popular-memória com o popular-massivo. Na região onde desenvolvemos o trabalho, a crença em São João Maria é

parte da memória e da fé popular. Este monge teria passado pela região no início do século XX fazendo pregações, curando doentes e denunciando a construção da estrada de ferro que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul, culminando na Guerra do Contestado. Ainda hoje existem os chamados afilhados de São João Maria, crianças doentes cujos pais davam o nome de João Maria Antunes, por exemplo, numa promessa de cura. A este respeito, um de nossos entrevistados declarou: “aqui perto tem um poço onde São João Maria passava, parava e benzia. São João Maria é famoso aqui na região, lá onde eu morava também tem o poço que ele benzeu, tem várias histórias sobre ele”.

O fato é que, na maioria das casas das pessoas que contam histórias sobre São João Maria, existe quadros ou pôsteres do Padre Marcelo Rossi, um ícone da religião midiaticizada, do qual os mais velhos nos falaram com veemência semelhante aos casos de cura ligados ao monge. No entanto, entre os jovens a lembrança mais forte é do Padre Marcelo Rossi, e poucos têm informações sobre São João Maria, o que revela um contato mais próximo da juventude com símbolos massivos.

Os jovens que conhecemos em Anita Garibaldi¹¹ despertam para a militância e encontraram no Movimento um espaço no qual se identificam. A participação quase sempre se dá em função da influência dos pais, que apóiam o engajamento. Por outro lado, a falta de terras e de oportunidades de emprego marca o cotidiano da juventude dessa região, ocasionando o êxodo para cidades maiores como Lages e Campos Novos, em Santa Catarina, e Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Para as moças, é recorrente o trabalho como babá, reforçando nosso estudo anterior onde a maioria das moças que saíam da casa dos pais para trabalhar na cidade assumia ofícios como o de babás. Trabalhar ou *militar*¹² no MAB torna-se a alternativa de renda, já que o trabalho com a família, na maioria dos casos, os torna financeiramente dependentes dos pais. Assim, a inserção no Movimento como educador popular nas turmas de alfabetização de jovens e adultos é referência de trabalho para nove dos quatorze entrevistados.

Outro aspecto relevante é a respeito da cotidianidade escolar. Pelos dados empíricos, podemos inferir que a escola não é somente o espaço da reprodução das desigualdades, mas também lugar de confronto entre

¹⁰ Ser atingido é uma expressão usada pelos próprios integrantes do MAB e os identifica enquanto grupo de pessoas que vivem a mesma problemática.

¹¹ Anita Garibaldi é o município catarinense onde moram os jovens entrevistados. Economicamente, é o principal dos nove municípios envolvidos com a construção da Usina Hidrelétrica Barra Grande, e nele está localizada a secretaria regional do Movimento dos Atingidos por Barragens.

¹² Expressão usada pelos jovens para se referir à militância.

discursos hegemônicos e contra-hegemônicos. Além disso, a relação que mantêm com a escola, seja para a própria educação, seja para a educação de outros jovens e adultos¹³, parte de um princípio de educação postulada por Paulo Freire, onde a realidade local está diretamente atrelada à metodologia de ensino. Ou seja, a pedagogia do MAB, baseada em Freire, contribui para a consciência crítica e para uma leitura de oposição da mídia na medida em que incorpora no cotidiano escolar elementos da realidade que são objetos de reflexão. É o que presenciamos na aula de uma turma coordenada por uma das entrevistadas, a qual tem o ensino médio completo, faz faculdade de letras e já participou de vários cursos de formação promovidos pelo MAB. O reflexo disso está na modalidade de sua aula. O que propõe a uma grupo de quinze mulheres idosas é que desenhem o local onde moravam antes da barragem e o local onde moram agora. Depois do desenho, provocou uma breve reflexão entre as mulheres e pediu que escrevessem uma pequena história a partir do que haviam feito.

Com a segunda categoria de análise, nosso interesse está em compreender como a participação no MAB garante determinadas posições político-ideológicas que se refletem nas leituras que fazem do fluxo radiofônico. Como já pontuamos, o MAB se caracteriza como instrumento da disputa pela hegemonia a partir da luta de classe, ou melhor, o Movimento é contra-hegemônico na medida em que demarca aos seus integrantes leituras de resistência e de oposição.

Segundo os relatos, os direitos das famílias eram constantemente negados, e o interesse do Consórcio Baesa era resolver o caso de cada uma, isoladamente, fragilizando a manifestação dos agricultores. O sentimento de pertença é o que revela o grau de envolvimento na organização. Quando perguntamos por que eles estavam no MAB, as respostas não variaram muito. Iam da influência familiar, passando pelo senso de indignação e de injustiça, conforme depoimento de uma entrevistada:

Isso tudo que a gente vive faz com que nasça uma revolta dentro de você, que você tem que estar envolvida. Eu participo do MAB por causa da minha indignação com o atual modelo que está no Brasil. Aí eu penso, será que nós vamos conseguir mudar? E eu quero dar a maior força pra mudar, porque depende de todos nós.

A influência familiar acontece pela constante presença dos pais nas mobilizações; muitos permaneceram acampados durante meses em frente à obra, no período em que ela estava sendo construída, e lá os jovens também permaneciam por um período mais curto, ou levavam alimentos e roupas para os pais. Portanto, o exemplo é um elemento marcante entre os jovens, assim como a revolta que eles sentem ao verem o pai sendo preso num ato de protesto pela situação instalada na região, como no caso de duas jovens entrevistadas. Hoje a Usina Hidrelétrica de Barra Grande já está produzindo energia, mas a organização dos agricultores permanece. Pais e filhos continuam reivindicando melhorias para as condições de vida e participam da organização do MAB em outros espaços, em atividades de formação em outras cidades e regiões.

Sobre a relação com os meios de comunicação, Lopes (1988, p. 57-58) diz que “o discurso radiofônico popular é um produto cultural marcado por um consumo de classe, ou seja, preferencialmente consumido pelos estratos sociais mais inferiores da sociedade”, como é o caso dos *atingidos por barragens*. Ela afirma ainda que, “em consequência disso, a apropriação desse discurso constitui um hábito de classe”. Quando perguntados como analisavam o que passa no rádio a respeito do MAB, todos foram unânimes em responder que o rádio descaracterizava o Movimento.

Pelos depoimentos e análise dos materiais secundários¹⁴, concluímos que desde o início da construção da barragem estabeleceu-se uma relação bastante próxima entre os veículos locais de comunicação, entre eles as emissoras de rádio, e o Consórcio Baesa. A princípio, uma relação financeira de investimento do Consórcio nas empresas de comunicação, mas também uma afinidade ideológica, colocando os integrantes do Movimento numa situação de marginalidade. Segundo os depoimentos dos jovens, o interesse que as emissoras de rádio têm com o MAB é distorcer os fatos e colocar a população local contra o Movimento: “a maioria são contra o MAB, o povo em geral, os vereadores...”, diz uma das entrevistadas. Para outros, não existe interesse das emissoras com a organização dos agricultores, pois o Movimento não investe financeiramente nas rádios, ao contrário do que acontece por parte do Consórcio. Sobre a imagem que as emissoras de rádio criam do Movimento, a resposta única: “que é um bando de baderneiros, tentavam desmoralizar o MAB frente a população, criavam a imagem de sem-terra, de invasores”.

¹³ As turmas de alfabetização de jovens e adultos fazem parte de um projeto que o Movimento organiza nos municípios e atua numa perspectiva de ação em nível nacional, em convênio com a Eletrobrás e com o MEC, através do projeto Brasil Alfabetizado.

¹⁴ Os materiais secundários são jornais e outros materiais impressos.

Mas se existe esta leitura de oposição, “destotalizando a mensagem no código preferencial, para retotalizá-la dentro de algum referencial alternativo” (Hall, 2003, p. 402), pelo fluxo radiofônico entre os jovens existe também a leitura negociada e a leitura hegemônico-dominante.

É o que acontece com a maioria dos programas veiculados pelas emissoras de rádio que não abordam temas ligados à Usina Hidrelétrica Barra Grande, com a apropriação de forma direta e integral, decodificando as mensagens nos termos do código preferencial no qual ela foi codificada. Mesmo assim, percebemos que existe uma tentativa da família e do Movimento em resistir ao popular-massivo no que se refere à programação musical.

E percebemos isso pela cotidianidade familiar, numa tentativa de resguardar a identidade camponesa e aspectos da música de raiz, e pelo movimento social, numa relação de contra-hegemonia ao que é veiculado pela mídia, principalmente por contestar o conteúdo das letras das músicas, “que seguem numa perspectiva contrária à luta de classe”, segundo afirmam as lideranças do MAB. É o que constatamos no dizer de um dos entrevistados:

Com relação à música, eu sou contrário ao que o Movimento quer passar. Eu acho que a música não vai influenciar, não presto atenção na letra. Acho que se eu escutar vai ser um modo de relaxar, tipo “Bonde do Forró” eu adoro, mas deu discussão feia lá no colégio [...]”¹⁵.

Observações finais

Nossas observações finais dizem respeito à formação da identidade dos jovens camponeses a partir das mediações de cotidianidade e de movimento social, ambas atravessadas pelos determinantes de classe e de cultura. A identidade de projeto assumida pelo MAB se transforma em identidade individual no momento em que cada jovem assume como sua a tarefa de ser instrumento de transformação social. Dessa forma, concordamos que a identidade constitui um fenômeno de auto-reconhecimento, tanto individual como coletivo, pois configura um sistema de referências onde um

observa o outro; assim, a identidade só é reconhecida no coletivo (Jacks, 1996, p. 174).

Enquanto camponeses que foram desalojados se identificam como *atingidos por barragens*, ou seja, a afirmação *ser atingido* é parte de uma extensa cadeia de negações, como afirma Silva, e por trás da afirmação *sou atingido por barragem* deve-se ler: não sou morador da cidade, ou então, não faço parte do Consórcio Baesa. O que Silva quer dizer é que

em geral consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos (Silva, 2000, p. 75-76).

Pela cotidianidade, percebemos que a família ainda é núcleo mantenedor das expressões do campesinato e a identidade de camponês é marcada pelos valores transmitidos de pais para filhos. Portanto, essa categoria se revela como uma mediação fundamental para a apreensão do conteúdo radiofônico; ali os traços da cultura e da classe são expostos e se reforçam no movimento social. Ainda com relação à cotidianidade, podemos inferir que a escola e o trabalho não são somente espaços da reprodução das desigualdades, mas também lugares de confronto entre discursos hegemônicos e contra-hegemônicos experimentados pelos jovens.

Uma das nossas descobertas está em sintonia com o pensamento de Sousa (1999, p. 201), para a qual o engajamento faz com que os jovens se valorizem e se apropriem de sua juventude, “em um contexto desfavorável para tal, sob a hegemonia do mundo das mercadorias”. O poder de organização de que as pessoas envolvidas com o Movimento dispõem confronta-se diretamente com o poder econômico do Consórcio, e o rádio é o veículo por excelência para a disputa local pela hegemonia. Se existe a resistência ao conteúdo radiofônico, quando este se refere à Usina Hidrelétrica Barra Grande e às ações do Movimento, com relação ao restante da programação existe a aceitação e a negociação dos códigos hegemônicos veiculados. A importância está em reconhecer que a identidade dos jovens é estabelecida pela relação entre o popular-memória e

¹⁵ *Bonde do Forró* é uma banda de músicas de forró difundida em todo o país, e o colégio a que o entrevistado se refere é um colégio ligado aos movimentos sociais, onde se difunde um discurso ideológico contundente contra a indústria cultural.

popular-massivo, mesmo que entre a juventude o popular-memória seja mais tênue.

Para o MAB, a mídia se constitui em um dos principais aparatos ideológicos de manutenção do *status quo* político, social e econômico. Por isso, é vista como vilã, visão que se fortalece quando a mesma deslegitima ou criminaliza as ações desse Movimento. Perante essa situação, o MAB cria suas estratégias de ataque e defesa, entre elas, a desconfiança, descrença e a deslegitimação da maioria do conteúdo radiofônico veiculado a seu respeito. A leitura de oposição é reforçada quando o Movimento representa as emissoras como aliadas do Consórcio Baesa, destacando a condição de classe subalterna dos seus militantes em oposição à classe dominante, representada pelos veículos de comunicação de massa e pelas empresas construtoras da barragem.

Portanto, o MAB é um mediador ativo e, pela sua penetração na vida das pessoas, vai semeando posições que são assumidas pelos seus integrantes e reproduzidas no cotidiano, mas essa visão não avança para um possível diálogo com as emissoras locais numa perspectiva de utilizar-se destes veículos em benefício da própria organização. Segundo os entrevistados, isso não acontece, pois como as emissoras têm uma clara postura de criminalização do movimento social e de defesa das empresas construtoras da barragem, consideram que buscar alianças com estes veículos seria reconhecer uma credibilidade que eles não possuem.

Referências

- CASTELLS, M. 1999. *O poder da identidade*. 3ª ed., São Paulo, Paz & Terra, 530 p.
- CHAUÍ, M. 1987. *Conformismo e Resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil*. 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 179 p.
- CHAUÍ, M. 2006. *Simulacro e poder. Uma análise da mídia*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 142 p.
- ESCOSTEGUY, A.C. 2001. *Cartografia dos estudos culturais. Uma versão latino-americana*. Belo Horizonte, Autêntica, 239 p.
- ESCOSTEGUY, A.C. e JACKS, N. 2005. *Comunicação e Recepção*. São Paulo, Hacker Editores, 127 p.
- FRANK, A.G. e FUENTES, M. 1989. Dez teses acerca dos movimentos sociais. *Lua Nova*, 17:18-48.
- GARCÍA CANCLINI, N. 1983. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 149 p.
- HALL, S. 2003. *Da Diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 434 p.
- JACKS, N. 1996. Televisión, recepción, identidad: cuestiones e imbricaciones. In: G. OROZCO GÓMES, *Miradas latinoamericanas a la televisión*. México, Universidade Iberoamericana, p. 173-195.
- JACKS, N. 1999. *Querência. Cultura regional como mediação simbólica. Um estudo de recepção*. 1ª ed., Porto Alegre, Editora da Universidade, 286 p.
- LOPES, M.I. 1988. *O rádio dos pobres. Comunicação de massa, ideologia e marginalidade social*. São Paulo, Edições Loyola, 195 p.
- LÓPEZ de la ROCHE, F. 1999. Replanteamientos de la política desde la cultura y la comunicación en América Latina de fin de siglo. In: J.M. MELO e P.R. DIAS, *O percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero*. São Bernardo do Campo, UMESP/ UNESCO, p. 133-155.
- MARTÍN-BARBERO, J. 1987. *De los medios a las mediaciones*. México, Gustavo Gili, 300 p.
- MARTÍN-BARBERO, J. 2002. *Oficio de Cartógrafo. Travestias latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. 1ª ed., Santiago, Fondo de Cultura Económica, 381 p.
- OROZCO GÓMES, G. 1991. *Recepcion televisiva: três aproximaciones y una razón para su estudio*. México, Universidad Iberoamericana.
- RONISINI, V.M. 2002. Mídia e identidade juvenis. *Communicare*, 2(2):83-101.
- RONISINI, V.M. 2007. *Mercadores de Sentido. Consumo de mídia e identidades juvenis*. Porto Alegre, Sulina, 184 p.
- SANTOS, M. 2001. Professor Milton Santos. *Revista Caros Amigos*. 5(52):6.
- SILVA, T.T. 2000. A produção social da identidade e da diferença. In: T.T. SILVA (org.), *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, p. 73-102.
- SOUSA, M.W. 1995. Recepção e Comunicação: a busca do sujeito. In: M.W. SOUSA (org.), *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo, Brasiliense, p. 13-38.
- SOUSA, J.T. 1999. *Reinvenções da utopia, a militância política dos jovens nos anos 90*. São Paulo, Hacker Editores, 232 p.

Submetido em: 05/12/2008

Aceito em: 18/02/2008